

Bernardo de Passos

A Reacção
no Algarve

Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 273 ~~274~~ Cota N.º 33 ~~34~~

4-1

DIGITALIZADO

E

Bernardo de Passos

A REACÇÃO NO ALGARVE

Capitulos: A questão no seu aspecto geral — As folhas soltas da Reacção — O clero parochial e as folhas soltas reaccionarias — Grave conspiração ultramontana no paiz. Alerta!



TAVIRA
TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA
1909

A Reacção no Algarve

Capitulos: A questão no seu aspecto geral.
— As folhas soltas da Reacção. — O clero pa-
rochial e as folhas soltas reaccionarias. — Gra-
ve conspiração ultramontana no paiz. Alerta!

A questão no seu aspecto geral

E' especialmente sobre a provincia, e com maior intensidade sobre este illuminado e ingenuo Algarve, tão ludibriado sempre pelos mandarins das facções politicas, que a reacção clerical anda desencadeando a sua feroz e pernicioso campanha d'odios contra os principios da democracia e os seus mais devotos evangelisadores, ao mesmo tempo que por todos os meios, ainda os mais indignos, vae fazendo uma tenaz propaganda das suas doutrinas obscurantistas.

E a verdade — bem triste verdade! — é que, no meio da geral indiferença da população liberal, os reaccionarios vão recrutando adhesões numerosas no seio das multidões ruracs, onde, mercê d'este miserando periodo de quasi noventa annos de constitucionalismo falsificado, o analphabetismo ainda terrivelmente impera, d'envolta com o fanatismo religioso.

Todo o empenho dos reaccionarios consiste agora em fazer acreditar ao povo, e com particular afinco, á grande massa camponeza, ás populações dos nossos montes e das nossas aldeias que republica quer dizer «guerra á religião», e que os republicanos, sendo atheus, merecem por isso ser monteados como as feras.

fé religiosa de todos os crentes, sem distincção de partidos, — no templo, perfeitamente ao abrigo de qualquer controversia sobre a sua argumentação tendenciosa, teem elles o pulpito onde pregam, o altar onde effectuam as suas praticas, e ainda, e principalmente, o confessorio, terrivel coisa de que fazem a treva duma noite protectora, para, no silencio e no misterio, sugarem, como vampiros, esse sangue que é o segredo das consciencias.

Fora do templo, teem especialmente a escola, o collegio e a imprensa, sendo verdadeiramente formidavel a organisação de propaganda das suas «folhas soltas», publicações que compreendem a folha denominada «A Cruzada» e outras do mesmo genero, e são distribuidas pelo povo, numa profusão sem limites. Vamos tentar explicar, em poucas palavras, a indole d'estas «folhas», e esboçar a sua organisação de propaganda, chamando urgentemente para este importantissimo assumpto a attenção dos liberaes em geral, e em particular dos republicanos.

As folhas soltas da reacção

O que são essas «folhas soltas», e o que significam ellas como symptoma do nosso gravissimo mal estar politico e social?

Em nosso entender, essas publicações são a mais abjecta pasquinada politica dos ultimos tempos, e constituem, pela sua odienta e escura doutrina u tramontana, dada a sua enorme circulação e a qualidade dos seus propagandistas, um perigo serüissimo para as ideias liberaes e as aspirações democraticas da sociedade portugueza.

Ellas são o vehiculo pérfito de um veneno subtilmente lethal a infiltrar-se na alma do povo provinciano,

ignorante e supersticioso na sua grande maioria, como convem ás duas reacções coligadas neste decantadissimo reinado manuelino, a clerical e absolutista, occultas inspiradoras das mesmas, — e não lhes rebater as infamias, não lhes contrapôr a combatividade d'uma propaganda liberal e democratica, será da nossa parte, ou um crime, ou uma imbecilidade.

A sua significação como symptoma do nosso estado politico e social, é uma inquietante revivescencia do velho espirito theocratico, que na podre atmospheria do regimen dos «adeantamentos», das «unhas aduncas», e dos «emprestimos á Espregueira», encontrou o meio mais proprio para o seu revigoramento e diffusão.

Mas o que dizem e ensinam ao povo bom e simples dos campos essas famigeradas «folhas soltas»? Transcrevamos alguns trechos d'um elucidativo artigo da «Cruzada», intitulado «Os inimigos de Deus» Ei-los:

«Povo portuguez! se no fundo do teu coração sentes o amor de Deus — lê com attenção esta folha. Se amas tua patria, cumpre o teu dever, trabalhando por todos os meios para que Portugal não esteja amanhã nas mãos dos inimigos de Deus».

Mais adiante, o artigo explica com notavel velhacaria e descaramento quaes são esses «inimigos de Deus» que o povo deve combater... por todos os meios:

«Ha um partido, — o partido republicano, — que nos seus comícios, nas suas «folhas soltas» e nos seus folhetos nega a existencia de Deus ou dirige contra Deus as mais vis insolencias e tem mostrado que o seu fim, se um dia conseguisse governar Portugal, seria guerrear a Deus».

A seguir a este lodacal de mentiras contra o partido republicano, o referido artigo traz esta perfidia estercoraria jesuiticamente insinuada no ardiloso proposito de dar os membros do mesmo partido como uns excommungados sacrilegos, como uma especie de blas-

phemos infernaes, cujo contacto todo o crente deve cuidadosamente evitar para não contagiar a alma de morrinha diabolica:

«Será preciso aqui essas palavras satanicas que foram a origem da «Cruzada» d'aquelle folheto maçónico que chamava a Deus ainda menos que escremento e que chegava á infamia de clamar: Abaixo Deus!»

Comprehendem os leitores, por certo, o alcance da monstruosa falsidade da «Cruzada», e n'este caso sentirão, como nós, que por esse paiz fóra haja milhares e milhares de almas ingenuas e crentes que tenham acreditado na ascorosissima calumpnia. Indignam até á revolta e repugnam até ao vomito estes miseraveis, que dizendo-se religiosos, não fazem mais do que fazer do ideal nobilissimo de Deus — Jesus para o christão, e o Bem immanente para o philosopho — o instrumento abjecto dos seus odios e das suas intrigas mesquinhas!

O artigo em questão conclue por fazer um apelo a todos os catholicos portuguezes para que se unam contra os republicanos, que mais uma vez despejadamente injuria, como se no partido republicano, que é, sem exageros e sem rethorica, o nosso grande partido nacional, não militassem hoje, alem de muitos sarcedotes illustres, como já deixamos notado, milhares e milhares de crentes christãos!

Mas tudo isto, que aliás já claramente revela os arreigados propositos de predominio e absorpção politica da reacção ultramontana, alliada fiel da monarchia manuelina, e ao mesmo tempo define os seus miseraveis e traioceiros processos de lucta, — tudo isto, sob o ponto de vista da violencia no ataque, pouco ou nada é, comparado com o que se lê noutros numeros d'essas repelentes «folhas soltas».

Basta dizer-se, para confirmação do que affirmamos, que n'essas folhas soltas, se chega á inclassificavel infamia de, em historietas illustradas, se figurar os repu-

blicanos a saquear as casas dos proprietarios, após o triumpho da republica, apontando-se collectivamente o nobre partido democratico, que tem á sua frente homens da envergadura moral e intellectual de Theophilo Braga e Basilio Telles, glorias da sua patria, como uma horda pervertida de ladrões e assassinos, contra a qual o povo deve precaver-se e combater a todo o transe!

A nossa indignação sobe, porem, de ponto, se attentarmos em que as commissões de propaganda dos torpissimos pasquins são quasi exclusivamente constituídas pelo clero parochial, e que este, envolvido como se acha pela onda torva do ultramontanismo, lança mão de todos os expedientes, ainda os mais improprios e criminosos, para bem se desempenhar da indigna missão politica que superiormente lhe commetteram.

O cléro parochial e as folhas soltas reaccionarias

Essas folhas soltas são directamente enviadas da sua séde aos priores, que nos proprios escriptorios parochiaes as distribuem pessoalmente, e bem assim para a sua sustentação angariam collectores ou subscriptores mensaes, fazendo crêr ao povo simples que ellas são publicações eminentemente religiosas, e promettendo-lhe indulgencias pela protecção dispensada ás mesmas!

Parochos ha, até, nas freguezias campesinas, que para a distribuição d'essas publicações pelos montes e logares mais afastados, teem ao seu dispor bandos de pobres mulheres fanaticas, que a sua artilosa catechese reduziu a meros instrumentos passivos dos seus desejos, as quaes pensando ganhar o céo e contribuir para que outros tambem o ganhem, por suggestões d'essas

mesmas catecheses, chegam a andar lendo de casa em casa, com místico devotamento, os ascorosos popeluchos!

Isto, esta assombrosa subversão de toda a moral e de toda a justiça, chega a parecer uma phantasia nossa, não é verdade? Pois nada mais positivamente certo! Nada mais verdadeiro e real!

Ali! com que cinica hipocrisia estes reptilianos *escrocs* de sotaina não metem ahí as seraphicas mãos nos bolsos dos pobres crentes, escamoteando á sua miseria esse suado e dorido dinheiro com que illudidamente os tristes subscrevem para tão miseraveis pamphletos politicos!

O ladrão, o ex-grilheta sem pudor e sem moral que, occulto pelas sombras da noite, arromba as portas de um templo, despedaça com sacrilega audacia o sacrario, e rouba depois, amachucando-a, a custodia d'oiro que contem a hostia, simbolo de Deus, segundo a fé catholica,—tal bandido, perante a consciencia de um verdadeiro crente, não pode ser mais criminoso do que esse padre que cinicamente e sem remorso faz da sua religião, que lhe devia ser sacratissima, uma immunda intriga politica e partidaria, e da fé ingenua, do ingenuo amor a Deus da gente simples que pastoreia, a pedra traiçoeira e o punhado da lama fetida que agarotadamente nos atira, na explosão dos seus rancores politicos e pessoaes!

Ha poucos dias, o alto clero da capital, explorando manifestamente com o terremoto do Ribatejo, celebrou n'um templo um acto de desagravo de Christo, que jesuiticamente elle considerou offendido com o apparecimento de um livro estrangeiro que nega a sua existencia.

Admittindo sinceridade, por um momento, nos promotores de semelhante cerimonia cultual, occorre perguntar se não seria logico que elles tambem procu-

rassem desagravar o doce e martirisado filho de Maria da infinidade de infamias e torpezas que esses grosseiros bonzos que se dizem seus representantes na terra andam ahi a commetter em seu nome e á sombra das suas illuminadas doutrinas?

Pois o que ha, o que pode haver de mais abjectamente blasphemo, de mais sacrilegamente offensivo do ideal de Deus, do que esse sujo sadismo religioso a que, na sua perversão moral, esses padres crapulosamente se entregam?

Que christianismo é o d'esse clero, que permite que elle arrogantemente e espumando crueldade e odio, grite *guerra!* clame *morte!* vocifere *exterminio!* contra quem nem sequer o tem atacado e rende a Christo uma admiração muito mais terna e sentida do que elle já-mais lhe tributou?

Esses padres fazem do ideal de Deus um bacamarte que cobardemente nos apontam ao peito em assaltos nocturnos da encruzilhada, e da bondade do christianismo a capa e a mascara com que se embuçam e disfarçam para a perpetração dos seus traiçoeiros banditismos.

Sendo um perigo para a sociedade, são tambem um perigo para a religião, que elles proprios conspurcam e desacreditam.

Mas se dos padres cortezãos e mundanos de Lisboa se não pode esperar um tal acto de coerente sinceridade, pervertido e desnacionalisado como elle se acha pelo romanismo do Quelhas e Campolide, a verdade é que á parte do clero portuguez sinceramente christão, d'esse clero que já começa a protestar contra a absorpção do *clero romano* (V. o «Seculo» de 2 de Junho corrente) se impõe a obrigação de pôr termo quanto antes, por meios que se harmonisem com o espirito da epoca, a esta repelentissima exploração politica de que o christianismo está sendo objecto por parte dos padres reactionarios.

Aos sacerdotes dignos; áquelles padres para quem o Evangelho foi sempre e continua a ser essa luz ethereal e santa que a alma florida de Jesus divinamente derramou, como uma eterna aurora, por sobre a humanidade soffredora; aos bons e obscuros curas que na paz ridente e perfumada das suas aldeias, realisam castamente, aureolados da sympathia e do respeito geral dos seus parochianos, esse tipo ideal do padre christão que Julio Dinis tão fragrantemente nos poetisou na figura suave e compadecida do «Senhor Reitor»; aos parochos honestos, que sendo patriotas e crentes como o foi o abbade Paes Pinto, cuja memoria querida o partido republicano venera, jamais trouxeram a sua religião para a arena agitada das discordias politicas e partidarias; a esses incumbe a missão indeclinavel e augusta, perante o sacrilegio do *padre cacique da folha solta*, de zelar pela pureza da religião que representa, como Christo zelou um dia pela pureza da antiga religião judaica, ao expulsar do templo, de azorrague em punho, os vendilhões que o estavam profanando...

Porque esses padres deixaram de ser os sacerdotes respeitaveis d'uma religião para serem os envilicidos *apaches* d'uma alcateia perigosa de malfeitores.

Grave conspiração ultramontana no paiz A'LERTA!

● Não exageramos declarando que a sociedade portugueza está ameaçada d'uma grave conspiração ultramontana, e que esta conspiração é protegida pela politica das supremas regiões do poder.

Effectivamente, só uma conspiração assim poderosa

poderia determinar esse assombroso estado de coisas que vimos de narrar e commentar.

Não haja duvidas!

O jesuita, esse phantasma secular do passado, que o pulso bronzeo de Pombal pretendeu afastar do solo da patria, triumpho ahi ostensivamente no nosso paiz, renascido das proprias cinzas, resurgido da propria anniquilação que a historia horrorizada lhe infligiu, e ei-lo dominador do clero parochial, que servilmente lhe obedece.

Senher da mocidade pelos seus collegios, que são os mais numerosos e frequentados em Portugal, elle procura agora completar a sua obra tremenda de predominio social, descendo, por meio do clero parochial, os seus tentaculos de polvo monstruoso até á alma simples do povo das provincias, que a monarchia, sua cumplice, optimamente preparou, pelo analfabetismo e pela fome, para essa negra escravidão.

A propaganda reaccionaria na Provincia está produzindo os sus perniciosos effeitos. Essa propaganda exerce uma particular influencia no espirito das mulheres, e sabe-se que coisa terrivel é o sectarismo feminino, sobretudo quando elle envolve o fanatismo religioso. N'algumas terras as mulheres levantam se contra nós, como furias, tornando ahi insustentavel a situação do pequeno commerciante e do trabalhador, pela guerra feroz que aos seus interesses movem.

Como responder a esta *guerra santa* que contra nós estão movendo os *santões* do catholicismo?

Apontando aos liberaes o pé em que se agita a questão clerical no Algarve, e indicando as causas determinantes d'esta questão, cumpre-nos aguardar o seu procedimento, no tocante á propaganda a fazer para nos defendermos e defender a liberdade, dos ataques da reacção.

Entretanto, gritaremos: **Alerta!**